

Placa de Cinturão da Quinta do Estácio 3, Herdade da Magra (União de freguesias Salvada e Quintos, Beja).

Teresa Ricou | CEAACP - Universidade de Coimbra

Introdução

Os fechos de cinturão representam, com as suas variantes, um dos elementos mais expressivos da cultura material da fase de transição que medeia entre o ocaso do Império Romano do Ocidente e o alvorecer dos tempos medievais (Arezes, 2010, p. 92).

Destinadas para a aplicação sobre as indumentárias, as placas de cinturão extravasam largamente o papel de elemento de adorno. Podem assumir-se como símbolo de identidade e etnicidade, como potencialmente reveladoras do estatuto socioeconómico ou, até da crença religiosa, de quem as coloca

sobre o vestuário envergado (Almeida 1962: 91; Arezes 2010: 97; Arezes 2015: 169-170).

Estes objetos integram o conjunto de elementos de adorno, passíveis de acompanhar o indivíduo no “microcosmo” de uma sepultura. No entanto, é fulcral sublinhar que o sepulcro não constitui necessariamente um reflexo do quotidiano; pelo contrário, pode revelar uma «mise-en-scène» realizada especificamente para o enterramento. Neste sentido, é provável que certos objetos possam ser incorporados nas sepulturas, de forma a transmitir e perpetuar a condição ou o sentimento de pertença do indivíduo a um grupo (Arezes 2010: 67).



Figura 1 - Localização na CMP 531 e em ortofotomapa do local de implantação do sítio Quinta do Estácio 3. A vermelho necrópole e vestígios habitacionais de Quinta do Estácio 5.

Figura 2 - Cobertura da sepultura onde apareceu a placa de cinturão.

Figura 3 - Enterramento onde surgiu a placa.

Figura 4 - Pormenor da zona do enterramento com a placa de cinturão na rótula esquerda.

Localização e Contexto Arqueológico

A placa, alvo do presente estudo, apareceu em 2018 na necrópole da Quinta do Estácio 3, Herdade da Magra, (União de freguesias de Salvada e Quintos, Beja) (Figura 1), no âmbito da Empreitada de Construção da ETA da Magra, promovida pelas Águas do Alentejo, cuja escavação foi realizada pela empresa Muntu Ardhi, e os arqueólogos Jorge Vilhena e Consuelo Gómez. Foi inicialmente apresentada em 2019 no X Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular, em Zafra, ainda sem a intervenção de conservação e restauro. A sua limpeza permitiu identificar a decoração existente na peça e proceder a uma revisão do estudo realizado previamente. A peça é proveniente de uma sepultura escavada na argila e no substrato geológico, de formato ovalado, com as seguintes dimensões: 1,60m de comprimento, 0,48 m de largura e 0, 13 m de potência estratigráfica. Orientada com a cabeceira a NO e os pés a SE, foi selada por uma cobertura composta por fragmentos de talha com cordão impresso e, na metade inferior do corpo, imbrices dispostos transversalmente (Figura 2)¹. Após a remoção da cobertura, sobre o peito do inumado, identificou-se um segundo e terceiro nível de deposição de talha. Escavados e levantados estes níveis, a inumação encontra-se, em decúbito dorsal, com os braços cruzados sobre o peito. Quanto ao espólio associado ao enterramento, detetou-se um fecho de cinturão, colocado na zona da rótula esquerda e uma lâmina de ferro de um só fio, depositada junto ao fémur esquerdo do morto (Figura 3 e 4).

¹ Salienta-se que estes imbrices são idênticos em termos de fabrico aos utilizados na cobertura no núcleo de enterramentos de ritual islâmico, individualizado, como outro sítio arqueológico denominado de Quinta do Estácio 5 (representado no ortofotomapa a vermelho), o qual se implanta a cerca de 250 m a Sudeste do sítio Quinta do Estácio 3, onde atualmente existe uma Estação Elevatória e um Reservatório do EFMA.



Figura 5- Placa de cinturão Estácio 3.

A Placa de Cinturão: descrição da peça e morfologia

O fecho de cinturão da Quinta do Estácio 3, pertence ao tipo de placa rígida, retangular em bronze ou liga de cobre, com extremo distal semicircular, típico das produções ditas hispânicas. O fuzilhão, não conservado, encaixava, via uma argola tubular, em ferro, que se encontra *in situ*. O verso conserva os três apêndices de sujeição, um dos quais figura isolado na parte distal da placa; os restantes dois encontram-se posicionados junto dos limites laterais da peça, de modo paralelo e nas proximidades da perfuração atravessada pelo gancho. Dimensões: 120 mm (comprimento); 50 mm (largura); 04 mm (espessura). A peça terá sido moldada.

Se inicialmente se pensou ser um exemplar sem qualquer tipo de decoração, a sua limpeza e posterior tratamento, revelaram que a placa, ostenta representações figurativas e zoomórficas.

A peça é rodeada por linha dupla incisa, de onde nasce um friso de arcos, estabelecendo o perímetro da moldura central. A moldura central, encerra uma figura composta, alada, bastante estilizada, com bico, patas de leão e cabeça virada a direita. No pescoço, dois traços incisos, os quais parecem formar um elemento de adorno, ou uma representação estilizada das penas, que por vezes se encontram neste tipo de representações. Parecem existir vestígios de um segundo motivo decorativo, mas infelizmente não o conseguimos identificar. A figura representada corresponde a um quadrúpede alado, um grifo, criatura mitológica (Figura 5 e 6), tema recorrente na gramática decorativa destas placas de cinturão moldadas ainda que habitualmente, representem duas figuras

afrontadas a beberem água da fonte da vida, de clara simbologia religiosa.

Em termos morfológicos, a placa de cinturão, corresponde a um modelo em placa rígida tradicionalmente datado entre os séculos VI-VII (López Quiroga 2010, p. 229, fig.181). Gisela Ripoll, enquadra este tipo de cinturão, no seu grupo IV, correspondendo essencialmente aos últimos anos do reinado de Leovigildo e ao de Recaredo, ou seja, compreendido entre 560/580 - 600/640 d. C (Gisela Ripoll 1998, 57- 72-91). No grupo IV enquadra-se uma ampla gama tipológica de fechos de cinturão de placa rígida: peças sem ornamentação, peças com ornamentação geométrica ou figurativa, exemplares com inscrições, placas «caladas», assim como os tipos designados por Gisela Rippol de transição (1998, p. 59). Apesar da proximidade morfológica que denotam, registam-se algumas variáveis, nomeadamente referentes à configuração do extremo da lingueta, à presença ou inexistência de espinha dorsal ou de motivos decorativos geométricos incisos.

Junto com este tipo de peças é comum o aparecimento de pequenas facas de um só gume, anéis braceletes e agulhas em bronze (idem). Na Quinta do Estácio 3, na mesma sepultura surgiu associada a uma lâmina de ferro de um só gume. Entre os vários tipos de placa rígida aparecidos em Portugal registe-se na necrópole da Abuxarda, (Cascais), um exemplar de placa rígida, lisa, com espinha dorsal no centro (Cardoso, 2018), em Milreu (Arezes, 2010) ou na necrópole da Retorta (Arezes, 2015).

Os temas ornamentais

No que concerne à ornamentação, destacamos dois tipos de temáticas ornamentais: friso de arcadas e animais mitológicos de inspiração mediterrânea e oriental.

Friso de arcadas

O friso de arcadas, semicirculares o qual surge, representado habitualmente nestes elementos de adorno, em composições de inspiração Aquitana e não só. O designado ciclo aquitano², em cujo reportório iconográfico são temas frequentes os entrelaçados, as representações antropomorfas, elementos do Bestiário, figuras humanas, assim como as rosetas, (se bem que não tão frequentes como os temas anteriores), parece ter como berço o Sudoeste da França, desenvolvendo-se nas margens do rio Garonne, entre finais do século VI e ao longo do VII (Azkarate, *et alii*, 2013, p. 49, fig.16; Guiblais-Starck, Poulain, Marie-Cécile Truc, 2015, p.43). Não obstante, este tema decorativo, sensivelmente esquematizado e geometrizado, também se encontra, por exemplo em grupos decorativos escultóricos, por vezes de cronologias mais tardias da Lusitânia (e não só), nomeadamente em cancelas, provenientes de Elvas e Évora (Wolfram, 2011, p. 60).

Animais mitológicos de inspiração mediterrânea e oriental

A combinação de características humanas e divinas representa possivelmente um tema de derivação oriental e de significado cristão, parecendo ter simbolizado o poder divino, guardiães das almas da morte, símbolo da paz no Paraíso (derivado das visões de Isaías) ou mesmo a representação do próprio Cristo.

A utilização de motivos vegetais, no período em questão era também popular, por vezes peixes, ou outros temas de origem tardo antiga, com destaque para as vieiras e palmetas. O século VII assistiu à delineação de intensas redes comerciais que cruzavam o Mediterrâneo e o continente europeu, através das quais circulavam produtos importados, nomeadamente oriundos de oficinas orientais. Dessas relações decorreu uma significativa homogeneização cultural e artística, que se refletiu na generalização do uso de adereços e elementos de vestuário de matriz bizantina e mediterrânica, produtos que respondiam a um novo gosto e a uma nova moda (Ripoll López 1998: 33; 60), cujo auge dá-se com os típicos fechos de cinturão liriiformes.

² O estilo aquitano é um estilo ornamental, constituído por diversos motivos gravados, tais como personagens, animais, entrelaçados, ou outros motivos inscritos num campo em pontilhado, inscrevendo-se em placas retangulares, trapezoidais, com uma ou várias «bossettes» (Lerenter, 1989, p.55, apud Arthur Guiblais-Starck, Charles Poulain, Marie-Cécile Truc, 2019, p. 45).

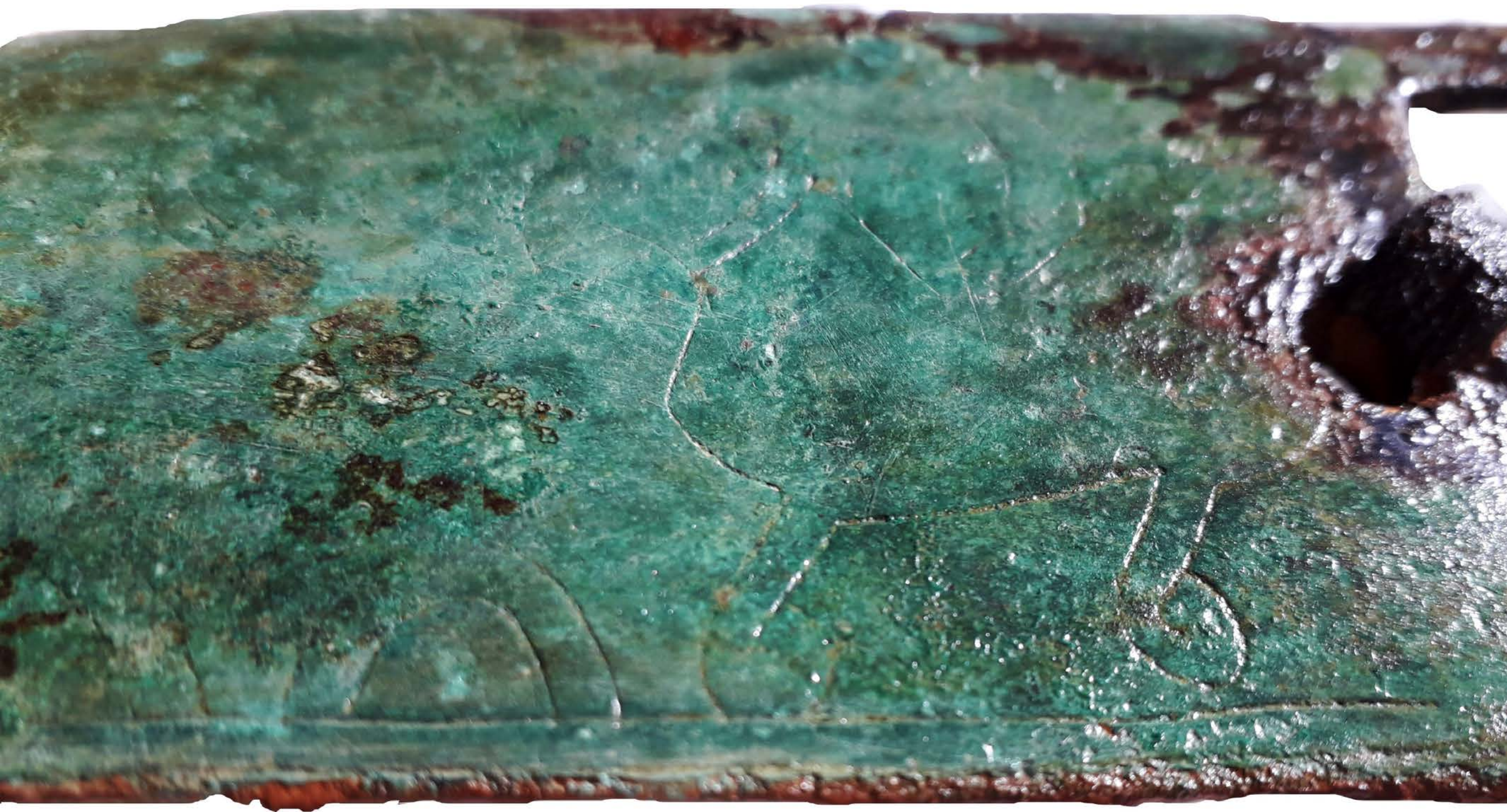


Figura 6 - Pormenor dos elementos representados grifo e arcada semicircular.

Áreas de Difusão

Este tipo de fechos de cinturão (placa rígida), retangular e de representações figuradas, tem uma ampla dispersão geográfica em necrópoles peninsulares, assim como uma enorme variabilidade formal. É frequente nos denominados cemitérios «visigodos» da Meseta (Contrera Martínez, 528, fig. 13), com ligeiras diferenças formais. Todavia não é um tipo exclusivo destas, aparecendo, por exemplo, em jazidas merovíngias e da época «das migrações» situadas entre o Reno e o Sena, não sendo típica de nenhum contexto regional. Muito frequente no ocidente europeu e no mundo Mediterrâneo (Askarate 2004, p. 54) surge igualmente em necrópoles da zona de Alava (Aldaieta) ou Navarra (Arróniz) através de peças de placa rígida, decoradas com motivos simbólicos e figurativos, motivos que alguns autores, designam como «semicircular arcading», a rodear uma cena de dois quadrúpedes que bebem da Fonte da vida³, ou em que apenas está representado um quadrupede alado (Azkarate, 1999). Nesta área geográfica, a presença de necrópoles nas quais é manifesta a presença abundante de armas (pontas de lança e machados)⁴, bem como elementos de adorno tipologicamente e figurativamente com inspiração dentro do designado «Ciclo Aquitano», nomeadamente o motivo dos frisos de arcadas semicircular foi associada à presença de contingentes francos, nesta região.

Nos últimos anos acentuou-se a ideia que poderá corresponder a um regionalismo local (Catalán Ramos, 2012, p. 427), não se negando a existência da forte ligação material com estas necrópoles cispirenaicas, apesar que as relações destas necrópoles com o mundo merovíngio ser menor do que parece à primeira vista (Catalán Ramos, 2012, p. 430).

Proveniente da Andaluzia, em Los Pedroches (Cordova), incorporado na coleção do Museo Prasa Torrecampo, encontra-se um exemplar formal e iconográfica semelhante, ainda que neste último, estejam representados dois grifos afrontados, bebendo da fonte da água da vida, rodeados por dupla moldura incisa e uma linha de ondulado, a qual assemelha-se a uma estilização do motivo das arcadas de inspiração aquitana.

Em termos de representação e estilo de execução, o desenho dos grifos representados aproxima-se ao grifo representado na placa da Quinta do Estácio 3, nomeadamente ao nível da figuração do dorso e do bico. Tal facto, associado às características morfológicas e tipológicas desta peça, poderá significar que talvez se trata de uma peça proveniente do mesmo atelier, ainda que dadas as diferenças do tamanho, não de um mesmo molde.

De acordo, com Gisella Ripoll, na Meseta Castelhana poderá ter existido um atelier local dedicado a produção deste modelo, em finais do século VI ou durante o século VII (Ripoll, 1998, p. 74). A mesma assunção, ainda que não categórica, é realizada para a Bética, onde se registam dois fechos de cinturão provenientes de Carteia e Cádiz de placa rígida, perfis retos e extremidade distal semicircular com representações figuradas, que a autora interpreta como animais ou protomos de grifos, parecendo, estar intimamente ligada aos motivos iconográficos presentes nas placas ditas liriformes (Ripoll, 1998, p. 76).

³ Interpretados como quadrúpedes, mas que na realidade mais se assemelham a grifos.

⁴ Ausente ou bastante rara em necrópoles visigodas

A combinação de características humanas e divinas representa possivelmente um tema de derivação oriental e de significado cristão, parecendo ter simbolizado o poder divino, guardiães das almas da morte, símbolo da paz no Paraíso (derivado das visões de Isaías) ou mesmo a representação do próprio Cristo...

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao Dr.º Manuel Luís Real as amáveis sugestões sobre o texto, ressaltando contudo que o seu conteúdo é de minha inteira responsabilidade.

Bibliografia

- AREZES, A. (2010) – Elementos de adorno altomedievos em Portugal (séculos V a VIII). Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Policopiado.
- AZKARATE GARAI-OLAUN, A., 1999, Aldaieta. Necrópolis tardoantigua de Aldaieta (Nanclares de Gamboa, Álava). Volumen I. Memoria de la Diputación Foral de Álava, Vitoria.
- CATALÁN RAMOS, A., 2012, De Cabriana Aldaieta: Armamento y mundo funerario en el valle de Duero y su entorno (Siglos V-VIII). Actas de las segundas jornadas de jóvenes investigadores del valle del Duero.
- RIPOLL LÓPEZ, G. (1998): Toréutica de la Bética (siglos VI y VII D.C.), Real Acadèmia de Bones Lletres, Barcelona.
- VIZCAÍNO SÁNCHEZ, J., 2007: La presencia bizantina en Hispania (siglos VI-VII). La documentación arqueológica. Antigüedad y Cristianismo. Monográficas históricas sobre la antigüedad tardía, 24, Murcia.

